

## SNI controla popularidade do presidente

**V**ISTO por fora, o Cruzado ia bem. Sarney, a todo momento, ligava para Funaro e Sayad para transmitir as notícias que recebia do SNI, invariavelmente dando conta de manifestações de apoio. Era uma vitória pessoal do presidente.

Os economistas pais do Cruzado foram tomados por sentimentos contraditórios. Havia um mundo de coisas a resolver. O Plano não estava pronto. Saíra o núcleo básico, mas a partir daí era necessário operar as conversões em todos os contratos. Já a partir de abril a economia, ao bem ao contrário da recessão, começou a decolar. Acendeu-se a primeira luz amarela. A economia estava ou não entrando em superaquecimento?

Aí começou a aparecer o resultado de outro equívoco administrativo do Plano Cruzado. Não havia mais o fórum para discussões. Lançado o programa, o grupo de jovens economistas se dispersou. A relação de poder dentro da área econômica ia se alterando. Dilson Funaro assumira o comando e começou a centralizar a gerência do programa. Funaro não

queria ouvir falar de descongelamento.

Havia outra desagradável surpresa. O governo disse que o déficit público estava zerado. Longe disso. A dívida pública deveria diminuir rapidamente. O governo deveria gastar menos com juros e precisaria emitir menos títulos da dívida. Não funcionou. “Até hoje, em abril de 87, falta uma boa explicação para isso”, diz Sayad.

Em meio a todas as inquietações, que incluem o gasto descontrolado do estado, a liberação de verbas para governadores e o pipocar de greves, o comando econômico recebeu uma boa notícia. O presidente José Sarney convocava toda a equipe, mais alguns ministros, para uma grande reunião na sede do Projeto Grande Carajás, instalada pela Companhia Vale do Rio Doce, no Pará, em plena selva amazônica, do dia 30 de maio ao 1º de junho. “Carajás?”, perguntaram todos, intrigados.

André Lara Resende queria, como os outros economistas, aproveitar a chance de conversar com o presidente depois do lançamento do Cruzado, mas lembrava-se de um velho conselho de Luis Paulo Rosenberg, quando este era assessor especial do presidente Sarney:

— Se um político conversa com dez economistas, e nove deles fazem o papel do urubu, pintando a coisa preta, e um só canta de canarinho, é este que o político vai ouvir — contava Rosenberg. — Os outros ele vai esquecer na hora.

Lara Resende contava a lição a seus companheiros, para pedir:

— Nós temos que combinar e fazer um strike de urubu lá em Carajás, uma sequência de cartas pretas.

Às vésperas do embarque, Dilson Funaro convocou as equipes da Fazenda, Banco Central e Planejamento para um jantar em sua casa em Brasília. Pediu que ninguém tocasse no problema da dívida externa, por temer que o presidente pudesse radicalizar. Funaro recomendou cautela e moderação também em questões como déficit público e dívida interna. Politicamente, explicou, não convinha mudar o discurso naquele momento “vai aparecer canarinho nesse strike de urubu”, pensou André Lara Resende.

Mas o presidente convocara a reunião de Carajás para saborear o sucesso. Agora queria lançar um Plano de Metas, um grande programa de investimentos, e para isso escolhera Carajás como cenário. Estava clara a incompatibilidade de enfoques com os economistas, que observavam inquietos a agitação econômica que se seguia ao Cruzado. Quando soube das dificuldades, Sarney se assustou.

— No Maranhão, a gente racha o caroço do babaçu. Vocês me digam com clareza o que precisa ser feito, que eu assumo, afirmou.

O ambiente ficou entre a celebração de uma revolução e a sensação de inquiétude.